

A PRESENÇA FEMININA E OS TRAÇOS DO NACIONALISMO EM *SUEÑOS Y REALIDADES*, DE JUANA MANUELA GORRITI

The female presence and the features of nationalism in *Sueños y realidades*
by Juana Manuela Gorriti

Cecília de Souza Borba
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
ceciliaborba07@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo a análise de contos de *Sueños y realidades* (1865), primeira obra da argentina Juana Manuela Gorriti (1816-1892), com a intenção de proporcionar uma leitura crítica baseada na visão nacionalista da autora sobre o contexto histórico e social da época, tendo em vista o papel feminino representado por suas personagens, que agem como indivíduos ativos dentro de uma sociedade opressora e conflituosa, destacando questões sentimentais, históricas, sociais e políticas, além de fazer referências indiretas a sua própria vida e críticas diretas à política, ao Cristianismo e à sociedade de uma maneira geral, destacando as personagens femininas como principais precursoras e agentes ativas em suas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Juana Manuela Gorriti; literatura argentina; mulher; nacionalismo.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the tales of *Sueños y realidades* (1865), the first work of the Argentine Juana Manuela Gorriti (1816-1892), with the intention of providing a critical reading based on the author's nationalist vision on the historical and social of the time, bearing in mind the feminine role played by its characters, who act as active individuals within an oppressive and conflictive society, highlighting sentimental, historical, social and political issues, in addition to making indirect references to their own lives and direct criticisms to politics, Christianity and society in general, highlighting the female characters as the main precursors and active agents in their works.

KEYWORDS: Juana Manuela Gorriti; argentine literature, women; nationalism.

Em seu primeiro livro, *Sueños y realidades*, dividido em dois tomos, Juana Manuela Gorriti evidencia elementos históricos, culturais e sociais, como também traz um pano de fundo da literatura fantástica, conflitos políticos e amorosos, traços da cultura antiga indígena e da literatura romântica, além de fazer referências indiretas a sua própria vida e críticas diretas à política, ao cristianismo e à sociedade de uma maneira geral, destacando as personagens femininas como principais precursoras e agentes ativas em suas obras.

O nacionalismo também é uma busca constante na obra da autora e isso faz com que pensemos o porquê desta valorização e presença na trajetória literária de Gorriti, se esta questão é positiva ou negativa, se ela vai se manter em todos os contos e se através deles vamos poder analisar de forma mais completa as narrativas, tendo a clareza do porquê ele irá surgir como ideologia nos escritos da autora.

Ernest Renan dá origem às discussões do que se pode compreender como nação, enquanto Eric Hobsbawm (1989, 2005) posteriormente discute ideias como a visão de nacionalidade e nacionalismo foram criadas a partir do século XIX. Observamos que a ideia de nacionalismo vai muito além da reunião de pessoas por etnia, idioma, fé ou região. O nacionalismo é uma construção

cultural:

O homem não é escravo nem de sua raça, nem de sua língua, nem de sua religião nem do curso dos rios nem da direção das cadeias de montanhas. Uma grande agregação de homens, sã de espírito e quente de coração, cria uma consciência moral que se chama nação (RENAN, 1882, p. 20).

Desta forma, a ideia de nação vem corroborar com a literatura no sentido de que Gorriti traz, em seus escritos, o espírito deste conjunto e desta possibilidade de consciência moral. A busca por esta unidade é constante na obra da autora, mas ela não se mostra de todo possível devido à ruptura através dos conflitos entre unitaristas e federalistas e entre indígenas e espanhóis. Há a tentativa de mostrar a ideia de nação na valorização do índio e nas origens da terra, mas as divergências étnicas e políticas não permitem de um todo que isto aconteça e se faça presente de maneira total na obra de Gorriti.

Através dessas ideias é que se colocará em discussão as duas faces do nacionalismo, mas não se está procurando alternativas para caracterizá-lo como negativo ou positivo, mas sim perceber como os teóricos o concebem e ter conhecimento de que – por trás de uma definição – há diversos processos políticos, sociais e históricos que se modificam a todo momento, como afirma Renan: “a existência de uma nação é um plebiscito de todos os dias, como a existência do indivíduo é uma afirmação perpétua da vida” (RENAN, 1882, p. 19). Acredita-se que o nacionalismo vem de um movimento, de uma construção e de processos que se estabelecem a partir das ideias de uma elite, que vai estabelecendo como o povo deve viver.

Desta forma, perceber a ideia de nacionalismo e as questões sociais é ter em mente “o paradoxo do nacionalismo que, ao formar sua própria nação, automaticamente criava contranacionalismos para aqueles que, a partir de então, eram forçados à escolha entre assimilação ou inferioridade” (HOBSBAWM, 2005, p. 145), mostrando que toda ideologia tem seus dois lados e, assim, os menos favorecidos financeiramente, aqueles que não possuem poder social, acabam tendo que aceitar uma situação que não se encaixam, causando um problema ainda maior. Como vemos, tratando-se da implantação do nacionalismo:

À medida que mobilizava alguns habitantes, alienava outros – os que não pertenciam nem desejavam pertencer à nação identificada com o estado. Em suma, auxiliava a definir as nacionalidades excluídas da nacionalidade oficial por meio da separação de comunidades que, por qualquer motivo, resistiam à linguagem e à ideologia, pública, oficial. (HOBSBAWM, 1989, p. 214-215).

Assim, neste contexto de discussão e debate sobre as ideias de construção e aplicação das ideias nacionalistas no século XIX, é preciso perceber na literatura como podemos interpretar estes processos e nos conscientizar de que: “a nação, como o indivíduo, é o resultado de um longo processo de esforços, de sacrifícios e de devotamentos” (RENAN, 1882, p. 18). Devemos ter atenção sobre a importância dos acontecimentos políticos e sociais que se estabelecem e que são representados na literatura, mas não esquecer os dois lados que uma ideologia carrega e das possibilidades e contratempos que podem infringir na população de diferente *status* social.

Presente na obra de Gorriti, o nacionalismo mostra-se como pano de fundo de vários contos do livro *Sueños y realidades*. No conto “El guante negro”, estabelece-se uma relação de conflito entre as personagens que, ao mesmo tempo em que formam um triângulo amoroso, possuem ideias políticas diferentes em relação ao ditador Rosas, marcando o conflito entre unitaristas e federalistas.

Também percebemos a busca pelo ideário nacional através do conto “La quena” (1845), narrativa em que destaca fortemente a imagem dos indígenas e sua cultura, assim como as tradições e origem da terra que aparecem com os indígenas, povo pioneiro na América. A fim de caracterizar o povo hispano-americano em suas origens, visando a presença do nacionalismo, Gorriti trará a

imagem de indígenas como heróis nacionais e, ao mesmo tempo, mártires que foram sacrificados nas relações de poder que os espanhóis estabeleceram sobre os indígenas. O conto relata o encontro entre dois jovens apaixonados, Hernán e Rosa, que vivem um amor proibido de acordo com os padrões românticos, fazendo-se promessas e remetendo seu amor ao sacrifício e à morte.

Nesse contexto, a literatura trabalha a favor da sociedade e traz elementos fundamentais para evidenciar “a cor local”, características que tendem a demonstrar o nacionalismo através da exaltação da pátria e do que pode ser considerado como próprio da mesma. A presença do indígena e seu legado à pátria destacado pela relação de conflito entre o branco europeu, explorador, usurpador da terra, ganancioso e mentiroso e os povos indígenas, verdadeiros herdeiros da pátria, por serem os povos primitivos dentro de sua realeza e orgulho de serem fruto da América do Sul, vistos como heróis guerreiros protetores dos bens naturais e das riquezas nacionais.

Se recordarmos a ideia de nação pensada e discutida por Renan, podemos afirmar que:

Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas – que, a bem dizer, não são mais que uma – constituem essa alma, esse princípio espiritual. Uma está no passado, a outra, no presente. Uma delas é a posse em comum de um rico legado de recordações; a outra é o consenso atual, o desejo de viver em conjunto, a vontade de continuar a fazer valer uma herança que recebeu íntegra. O homem, meus senhores, não improvisa. A nação como o indivíduo, é a culminação de um grande passado de esforços, de sacrifícios e de devoções. (RENAN, 1882, p. 20)

Neste sentido, vemos que o espírito de nação vem muito mais do próprio sentimento do que da racionalização, é um sentir-se parte de algo, é uma relação entre passado e presente em que houve diversos sacrifícios, como milhares de vidas que se perderam nas batalhas nos países hispano-americanos contra a Espanha em busca de liberdade e independência.

Em “La quena”, como é comum nos escritos de Gorriti, há uma narrativa dentro de outra narrativa, ou seja, seremos levados pelo narrador a saber de suas memórias e segredos, recurso utilizado pela autora para enriquecer seus contos e também, de certa forma, para inocentá-la de uma opinião mais subversiva e crítica, pois Gorriti mantinha a sutileza para que seus escritos não fossem criticados pela sociedade falocêntrica e pudessem ser lidos pela maioria da população. Observamos, então, a primeira cena de “La quena” que tem por espaço inicial a cidade de Lima, no Peru. Há o encontro de dois jovens à noite, às escondidas na sacada de uma casa, remetendo à peça *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, e ressaltando a força do relacionamento proibido e os possíveis caminhos funestos que este – tal como na obra shakespeariana – pode levar.

Hernán e Rosa estão apaixonados, mas fadados a ficarem separados pelo grande segredo que o rapaz encerra em seu coração. Hernán esconde por muito tempo o mistério de suas origens, mas temendo ir para longe, confessa à sua amada o que há muitos anos esconde de toda sociedade: é um descendente dos incas. Desta maneira, inicia-se a história que vai originar os percalços pelos quais passam Hernán e Rosa. Hernán começa contando a história de sua mãe, uma índia inca chamada María e a relação dela com a sua cultura, misturando a dor de perder o pai biológico, o relacionamento de confiança que tem com o pai adotivo, o cacique da antiga tribo e sua relação amorosa com um europeu. Neste contexto, a índia aparece com seu filho e é atormentada por sonhos que revelam maus augúrios de separação e que deixariam qualquer mãe em desespero, porque lhe mostra a sua separação do filho ainda pequeno.

Dilacerada pela desilusão de ter acreditado no amor pelo conde de Camporreal, pela doença que lhe acometeu e, principalmente, pela dor de ter tido seu filho roubado, María junta forças inomináveis e decide ir atrás de seu filho. Para isso, María vai ter que cometer uma traição, uma traição maior do que aquela que cometeu ao se apaixonar pelo destruidor de seu povo, pois irá romper seu juramento e se valer do tesouro escondido dos seus ancestrais para voltar a ver o seu filho.

Aqui, destaca-se a presença feminina no sacrifício, na desonra, no sofrimento típico do Romantismo. María torna-se uma heroína nacional, uma inca que irá romper as barreiras da cultura, do juramento e do respeito ao seu povo, por um ideário maior, rever seu rebento. O texto enfoque uma mulher que, apesar de ir contra os conceitos patriarcais e das regras culturais de seus antepassados, põe a maternidade acima de tudo. María então vai até Espanha e consegue ver seu filho e acaba por contar a Hernán, ainda muito pequeno, o segredo do seu juramento sobre o tesouro inca escondido nos subterrâneos de Cuzco. Após contar a história de seus antepassados a Hernán, a indígena conferiu-lhe a chave dos subterrâneos que guardavam o tesouro inca que havia restado. Desta forma sentindo-se cada vez mais enferma, María fez seu filho jurar que protegeria esse tesouro e, de acordo com a profecia inca, ele seria o libertador. Hernán seria aquele que, após viver muito tempo entre os inimigos, iria trazer de volta a honra indígena e a valorização de seu povo contra a dominação europeia.

Desta forma, María despede-se de Hernán para nunca mais vê-lo. A índia que já estava enferma e teve por última missão relegar o segredo dos incas ao seu filho, tornando-se assim uma heroína mártir do nacionalismo, que sacrificou até seu último suspiro pela vida de Hernán e que confiou o perdão de seus pecados contra seu povo, às ações libertadoras que o menino lhe jura para o futuro.

Encerra-se assim a narrativa que Hernán, já adulto, faz à sua amada Rosa, à beira de sua janela. O jovem ressalta o medo de perder sua amada por ser um descendente indígena, que nunca foi totalmente reconhecido por seu pai, tendo ficado subjugado ao título de bastardo e visto sua vida inteira com preconceito por sua posição. O amor proibido entre Rosa e Hernán é forte, mas vai ambientar-se na desgraça e na contrapartida entre amor, sacrifício e morte, como foi também marcada a vida de María.

Hernán então se despede de Rosa com a promessa de que não a esquecerá e se corresponderão por cartas, já que o jovem iria ser designado para missões distantes de Lima. No entanto, entra em cena a presença do triângulo amoroso, pois Rosa – prometida ao ouvidor Ramírez – se vê vítima de uma fatal traição de sua escrava de confiança, que em troca da sua liberdade e do seu filho, ajuda Ramírez a destruir o romance entre a jovem e seu amado Hernán.

A escrava Francisca intercepta as cartas que Rosa envia ao seu apaixonado e, desta forma, ele pensa que Rosa não o ama mais e torna-se sacerdote. Esta passagem mostra novamente a presença de uma mãe que sacrifica até mesmo sua honra e sua palavra para voltar a ver seus filhos, como no caso de Francisca que trai a confiança de sua senhora para recobrar a liberdade e a presença de seus filhos. Também percebemos a fuga da realidade, por parte de Hernán, que busca a paz de espírito na religião para sarar a dor de sua perda no amor.

Após muitos anos, Hernán volta a Lima como sacerdote e, desiludido do amor de Rosa, vai celebrar uma missa, mas – para sua surpresa – é colocado frente a frente com a sua amada. No momento em que estão orando a Deus, eles cruzam os seus olhares e a esperança renova-se em seus corações. Neste momento de encontro, o narrador – que nesta segunda parte do conto já não é mais Hernán – compara Rosa ao rezar, com Maria, mãe de Jesus, aos pés da cruz, evidenciando o objetivo de passar a imagem de uma mulher santa, pura, que apesar dos augúrios da vida pelos quais está sofrendo, não perde a fé.

Em seguida, a narrativa muda sua configuração. Ramírez, casado com Rosa, descobre que Hernán voltou e tenta uma artimanha para impedir que sua esposa escape. Acontece nesse trecho uma relação inversa referente à obra *Romeu e Julieta*, pois enquanto no texto original Julieta e o frei forjam um plano em que a moça iria fingir-se de morta, para fugir com seu amor proibido, aqui a mulher aparece como vítima da situação, pois Ramírez consegue um elixir que deixará Rosa como morta, para que ela não volte a encontrar-se novamente com Hernán, seu verdadeiro amor e ele pense que a jovem morrera.

Nesta situação de desespero, Ramírez tenta a todo custo tornar a esposa apenas como sua propriedade, para fazer dela o que bem entender, ressaltando a imagem da mulher vítima da

sociedade patriarcal em que a mesma deve ser submissa, estando sob poder do pai e depois do marido. Pressentindo as armações de Ramírez para tirar Rosa do país, Hernán antecipa-se e descobre que ela não morrera, conseguindo roubá-la de sua tumba. Desta forma, levou-a para uma localidade distante em Cuzco a fim de viverem em paz o seu grande amor, que um dia já fora ameaçado. Porém, Ramírez – disfarçado com vestes de peregrino – consegue encontrar o lugar em que os amantes estão escondidos e chega quando Rosa está sozinha. Essa não vê maldade em dar hospitalidade a um peregrino, que ao revelar-se sepulta um punhal no peito, satisfazendo o furor de sua vingança.

A partir deste desenlace, o conto chega ao seu término, evidenciando o cunho de mau augúrio e desgraça que recai aos filhos dessa pátria, aos filhos da relação corrompida entre europeus e indígenas, entre o povo antigo da América e os exploradores que vieram acabar com a terra americana, usurpando-a sem limites. Hernán, filho da relação entre sua mãe americana e seu pai europeu, acaba por ser acometido pela dupla maldição de seu povo inca, por ser filho de uma relação devastadora e errônea, já que María trairá ao seu povo por se apaixonar por um europeu e ter um filho do mesmo e pela traição a que ela subjogou todos seus descendentes ao tomar para si uma parte do tesouro de seu povo para atingir objetivos pessoais, mesmo que fosse para o bem de seu próprio filho.

Assim, mostra-se neste final uma relação de causa e consequência relacionada ao infringir dos costumes e da lei da pátria que, antes da chegada dos europeus, era dominada pelos incas com suas leis e regras. Também podemos destacar a presença da mulher, que neste conto aparece como transgressora dos limites permitidos pela sociedade patriarcal e machista, mas que não sai ileso e recebe os castigos e as punições pelos seus atos de desobediência e contravenção.

Em outro conto, “El guante negro”, é narrada a história do triângulo amoroso entre Wenceslao, Manuelita e Isabel, metáfora do conflito histórico-social que a sociedade argentina de então estava vivendo: a batalha entre federais e unitários. No início do conto, a jovem Manuelita – ficcionalização de Manuela Rosas, filha do ditador Juan Manuel de Rosas – visita o jovem soldado federalista Wenceslao. Se a personagem histórica acompanhava seu pai e era apresentada como primeira-dama da Argentina na época, a autora vai mostrar essa personagem como a mulher símbolo do lado federalista.

Já no início da narrativa, vemos a representação de uma personagem feminina transgressora, altiva e cheia de coragem para os padrões da época. Manuelita vai sozinha até a casa de Wenceslao, visitando seu quarto e dando a entender que já havia estado ali outra vez, o que nos remete a inferir que eles já tinham uma ligação íntima. Wenceslao foi ferido numa batalha pessoal ao defender a honra de Manuelita e, de forma indireta, o poder do seu pai. Comovida com o gesto de seu apaixonado, a jovem vai ao seu encontro e os dois têm um diálogo apaixonado, mas que irá transformar o destino do jovem soldado para sempre.

Manuelita aparece como uma mulher forte, apaixonada, corajosa e dona de si, o suficiente para visitar o quarto de seu amor à noite. Se a jovem, por um lado, queria manter os curiosos afastados, dirigindo-se até a casa de Wenceslao naquela hora da noite, há outro motivo para essa visita ser noturna: por ser o momento dos apaixonados, a hora que se pode transgredir e liberar o desejo e as paixões:

Y quintando él mismo el guante de tul negro bordado de arabescos, que cubría la linda mano de joven, imprimió en ella un beso que debió ser muy apasionado, porque Manuelita retiró vivamente su mano, sus ojos se bajaron al suelo, y una nube de rubor cubrió su alta frente.

¡Lisonjero! – dijo ella, haciendo un esfuerzo para serenarse y sonreír, –¿qué, hay de más natural que el que yo me encuentre aquí, á esta hora, así inclinada sobre vuestro lecho? [...] Qué dulces habrían sido para mi corazón los cuidados que o prodigara! Pero me encadenan lejos de vos, la necesidad que mi padre tiene de mí, y el terror de ese mundo que se ha apoderado de mi vida para destrozarla, como si

no fuera aun bastante triste y contrariada. (GORRITI, 1907, p. 93-94)

Percebemos neste trecho a sensualidade, mesmo que sutil, do toque e a relação do corpo. A cena é rara para os padrões do século XIX, pois Manuelita aparece sentada na cama de Wenceslao, enrubescida pelo toque dos lábios do jovem em sua mão. Esse gesto a faz viajar em volúpia, mas em seguida volta a si, recorda-se das responsabilidades que a chamam para a realidade do mundo em que vive, afastando-a de seu amor e de sua real vontade. Apesar de ser uma mulher decidida a realizar suas vontades, também percebemos uma Manuelita sempre disposta a fazer tudo pelo seu povo e pelos ideais de seu pai, pois a jovem tem noção de suas responsabilidades como representante do governo de seu pai e no que suas atitudes acarretariam se ela se entregasse aquela paixão arrasadora.

Essa primeira cena trata-se, no entanto, de uma despedida, pois Manuelita – convicta de suas responsabilidades – sabe que não poderá relacionar-se com Wenceslao e também sabe que o mesmo será promovido e irá marchar com seu pai para o norte da Argentina. Em meio a essa situação, Manuelita afoga seus sentimentos para não sofrer e despede-se do jovem soldado. No entanto, antes de ir embora, procura a luva negra que havia tirado de sua mão, mas não a encontra. É, neste momento que, sem saber, Wenceslao terá o seu destino mudado. Como vemos no diálogo dos dois jovens, a relação de intimidade e amor entre eles é grande e muito significativo, algo que irá ficar marcado para a vida toda:

- Adiós, Wenceslao – le dije, extendiendo la mano sobre la cubierta de la cama, para buscar el guante que aquél habíale quitado. –Son las once y me queda poco tiempo para llegar a Palermo antes que cierren las puertas... Pero... ¿qué he hecho de mi guante?
- Yo lo tengo – dijo Wenceslao, descubriendo su pecho y mostrando el guante sobre el corazón. –Manuelita, deseo conservarlo eternamente en memoria de esta noche. ¿Cómo queréis que lo guarde? ¿cómo una conquista o como una prenda?
 –Como prenda de amistad – respondió ella, alzando con graciosa coquetería la extremidad de su velo, y enviando un beso á Wenceslao desde la puerta. (GORRITI, 1907, p. 96)

Este trecho marca a despedida entre Manuelita e Wenceslao, mas a jovem filha do ditador Rosas, mesmo não aparecendo no restante da narrativa, se fará presente através da sua luva negra que ficou com seu amado. Gorriti trará, em algumas cenas, a imagem desta luva como lembrança da jovem e como despojo mortuário, já que fará uma crítica aos federalistas, evidenciando que eles só trazem tragédia e morte ao povo e aos oficiais unitários. Após Manuelita retirar-se sem sua luva, Wenceslao permanece acamado, acreditando fielmente no amor de Manuelita e que seria feliz e realizado ao lado dela, já que é um soldado federal e, assim, estaria completo no amor e na sua ideologia.

O jovem, no entanto, lamenta fortemente não conseguir realizar seu sonho por ter se apaixonado perdidamente por Isabel, uma linda mulher de cabelos e olhos negros, filha e partidária do lado unitário. Logo após, Isabel chega ao quarto de Wenceslao por uma porta secreta que ligava sua alcova ao pátio da casa onde morava. Desta forma, Isabel poderia adentrar os aposentos do rapaz sem ser vista.

Bem ao estilo romântico da época, a jovem unitarista Isabel é caracterizada como uma figura etérea de cabelos e olhos negros e envolta em um manto branco, parecendo mover-se quase sem tocar no chão. Esta visão que autora traz já faz referência a que a Isabel parece um ser encantado de um mundo de fantasia, um ser de luz que vagava a noite para levar a paz para aqueles que ansiavam por ela. Todas as maneiras que a personagem é caracterizada é através de um viés místico em aparece quase como um ser fantástico ou através do seu dom de pressentir os acontecimentos.

Wenceslao, quando vê Isabel, sente seus fortes sentimentos por Manuelita se desvanecerem

e, neste momento, só existe a mulher, a qual ele chama de anjo e fada, esquecendo de sua ideologia federalista. Ele recebe sua amada de maneira apaixonada em sua alcova, mas percebe que ela se mantém distante e parece um pouco fria. Isabel conta a seu amado que desde pequena tinha o dom da premonição e que sempre prenunciava a desgraça e a tragédia em seus sonhos e em seus sentidos, tanto que todo mal que lhe acontecera ela já havia sentido que iria acontecer, mas não podia mudá-lo, foi quando a jovem revelou que sentiu que algo lúgubre, como se fosse uma sombra, uma mão inimiga lhe afastava do seu amor, parece que uma força sobrenatural afastava-a de Wenceslao, como se já pressentisse que sua rival estava ali há pouco tempo atrás.

Essa premonição de fato tornou-se realidade ao ir cuidar da ferida de seu amado, pois ali se encontrava a prenda que Wenceslao havia pegado de Manuelita: a luva negra no peito de Wenceslao, como se estivesse cobrindo a ferida que o jovem possuía perto de seu coração. Ao ver aquele objeto, aquela peça que um dia cobriu a mão de uma federalista, de sua rival, de outra mulher, daquela que tinha alguma importância para o seu amado, pois de outro modo ele não teria guardado esta lembrança em seu peito, Isabel cai de joelhos e entre dor, soluços e lágrimas, reconhece para Wenceslao que ao ter relações com ele havia manchado a memória de seu pai e desonrado a vingança a que tinha consagrado sua vida após seu progenitor ter sido morto pelos federalistas.

Percebemos que Isabel aparece no conto como um ser fantástico e cheio de leveza, mas ao mesmo tempo uma mulher que transgredir as tradições da sociedade, pois vai à casa do amado de noite para cuidar de sua ferida, com sua louca paixão que lhe movia para os braços de seu amado na ânsia de vê-lo e tocá-lo. Tanto na relação com Manuelita quanto na relação com Isabel, Wenceslao mostra-se muito apaixonado; este amor aparece sempre de forma sublime e as duas amantes são transgressoras, mesmo sem uma ter conhecimento da outra.

Isabel aparece como uma mulher forte e decidida, que não se limita a regras e tradições, pois trai seu povo e a memória de seu pai, que foi assassinado pelos federalistas, já que se apaixona por um federal e incondicionalmente se entrega a este amor sem reservas. Porém, ela ainda parece como uma mulher altiva e que não se submete somente a vontade dos homens, porque depois que descobre a luva de outra mulher no peito de seu amante, ela vai se envolver em uma couraça de força e coragem, mesmo com o coração apaixonado, sangrando pela traição, Isabel irá rechaçar Wenceslao e dizer que foi um erro a relação que teve com ele. Aqui a personagem vai se posicionar em uma situação de poder em que terá o homem em sua mão, já que o jovem federal vai sentir-se desesperado em pensar na possibilidade de não a ver mais e tenta de todas as formas que ela o perdoe, mas Isabel é categórica, como vemos no seguinte trecho:

De repente su mirada cayó sobre el guante negro que estaba en el suelo. Un estremecimiento convulsivo recorrió su cuerpo, en sus negros ojos brilló un rayo de tremenda cólera, y uno de esos malos pensamientos, hijos de los celos, que convierten al ángel en demonio, surgió en su mente y mordió su corazón.

–Que muera para mi amor – murmuró, – con tal que se aleje para siempre de ella.

Y fijando en Wenceslao una mirada fascinadora:

– Hay un sitio – le dijo – donde podríais persuadirme que lo que he visto esta noche ha sido un sueño, uno de esos malos sueños que bajan á torturar el corazón, pero este sitio está... ¡entre las filas del ejército unitario!

Y desapareció entre las sombras que se extendían al otro lado de la puerta. (GORRITI, 1907, p. 102-103)

Através desta passagem, percebemos que Isabel se mantém firme no seu ideal político. Ela põe a sua ideologia e seu orgulho acima do seu amor por Wenceslao; marcada pela traição, ela transforma seu carinho em fúria e sua ternura em indiferença. Aqui, a imagem da mulher celestial, etérea e suave dá lugar para uma personagem feminina repleta de ciúme, desejo de vingança e

rancor, mas que é forte o suficiente para lutar sozinha por seus direitos. Isabel, ao invés de chorar a traição de seu amado, vai se munir de forças para continuar sua vida, mas exige que, para ter o seu perdão, Wenceslao deixe os federalistas e comece a lutar ao lado dos unitários. Para ele, isto seria uma total desonra e é isso que Isabel desejava então em troca de sua decepção.

Desesperado, Wenceslao, após a saída de sua amada Isabel, não sabia qual rumo tomar, se esquecia o amor que sentia por Isabel, que agora já não o amava mais devido aos seus erros, resignando-se entre a tropa federal e tentando conquistar ainda a mão de Manuelita ou se decidia passar para o lado unitário e tentar reconquistar o amor de Isabel, o qual ele não consegue viver sem.

Na tentativa desesperada de encontrar uma saída para sua vida, Wenceslao mostra-se fraco, pois no auge do desespero descobre a ferida do próprio peito, tira-lhe a bandagem que a está cobrindo e abre-a ainda mais na tentativa de acabar com a própria vida. Vê-se aqui a fraqueza do homem frente à força da mulher. Gorriti traz no seu escrito uma crítica forte à questão de gênero e diferentemente do que ela vê na sociedade em está inserida, traz em seu conto, a mulher forte que é determinada em seus ideais e pensamento, enquanto o homem é atingido pelas ações femininas, deixando de tal maneira tão abalado e dependente, que o mesmo, ao pensar em ficar sem sua presença, já objetiva o suicídio como fuga da realidade.

Neste ponto da narrativa, teremos a presença de outra mulher, tão importante quanto as que compõem o triângulo amoroso e o conflito acima analisado. Entra em cena a mãe de Wenceslao, outra mulher forte, que vai contra tudo e contra todos em prol da vida de seu filho e de suas convicções do que é certo e o que é errado. Margarita, a mãe do rapaz, interrompe a agonia dele ao chegar no momento em que ele havia retirado os curativos de sua ferida. Se sua mãe não chegasse a tempo, ele poderia ter sangrado até morrer, outro ponto que destaca a coragem e a força da mulher perante a fraqueza do sexo masculino em “El guante negro”, pois o homem que é salvo pela mulher, e não o contrário.

Assim como em outros contos de Gorriti, que possui a imagem da maternidade bem acentuada, “El guante negro” destaca o ser mãe não como uma fraqueza para a mulher, mas sim como uma vitória, dando poder, autenticidade e coragem para as personagens femininas, pois é, através do amor de mãe, que as mulheres vão ganhar autonomia e vão mudar seus destinos e os destinos das outras personagens. Após a tentativa de suicídio, Wenceslao toma a decisão de seguir tentando reconquistar o amor de sua amada Isabel e deserta do batalhão federalista, para lutar ao lado dos unitários, em busca do perdão de sua amada. Mais uma vez, percebemos o poder feminino de persuasão e o homem mudando suas convicções e ideologias em busca da aceitação e do amor da mulher.

Wenceslao não imaginava que sua deserção iria desencadear vários fatos trágicos em sua vida e que esse ato de ceder à vontade de sua amada unitarista que estava cheia de rancor, por seu relacionamento com Manuela Rosas, iria mudar para sempre a sua vida e o destino de sua família. Margarita é uma mulher que irá fazer de tudo para proteger seu filho, o amor incondicional que ela possui pelo mesmo, faz com que observe os mínimos detalhes e tenha muito cuidado com tudo que seja relativo ao rapaz, foi devido a este cuidado extremo que ela descobre algo horrível e que a faz tomar uma atitude inesperada em defesa de Wenceslao.

Gorriti mostra Margarita tentando raciocinar o porquê de seu marido Ramírez ter mudado de atitude e parecer tão frio ultimamente, o que ela havia percebido era que, após ele ter recebido uma carta de um espião, que teria dito o nome de Wenceslao na conversa, começou a ter atitudes diferentes. Esta desconfiança mantinha um peso em seu coração e seu amor de mãe, que era mais forte do que tudo, parece que falava para ela prosseguir na tentativa de descobrir o que havia na carta que seu marido recebera.

Então, a mãe do jovem herdeiro federalista foi até o escritório do marido para tentar ler a carta e, para seu susto e surpresa, caiu uma luva negra aos seus pés de dentro dela. Aquele despojo lhe causou o mais profundo horror, pois agia como um símbolo mortuário, que ao coração de uma

mãe pareceu a mão da tragédia e da morte que posava em seu coração para dilacerá-lo e, neste momento, ela só temia por seu filho, principalmente ao ler na carta as palavras escritas pelo próprio:

“Isabel:

El hombre á quien has puesto en la horrible alternativa de hacerse un traidor ó de vivir sin tí, ese hombre fuerte á quien sus compañeros llaman el león de los combates, ha sucumbido miserablemente en la lucha del amor con el deber. ¡Oh, vergüenza!” Honor, deber, amistad, gratitud, todos los sentimientos nobles del corazón han callado ante la idea de perderte para siempre, de renunciar á la dicha de contemplar tu rostro, de arder bajo el fuego de tu mirada, de sentir el contacto de tu mano, de escuchar el sonido de tu voz. Tu amante para quien el honor era la vida, llevará pronto sobre su frente el sello de la deserción, ese bautismo de oprobio, que la muerte misma no podrá borrar. El ejército de Lavalle se halla á dos jornadas de aquí, y el sol de mañana

me verá en sus filas, volviendo mi espada envilecida contra la causa que tenía mis simpatías, contra mi protector, y contra mí mismo padre.”
(GORRITI, 1907, p. 109)

A carta de Wenceslao para Isabel, que fora interceptada por um espião federal e entregue a Ramírez, pai do jovem, revelava então, para Margarita, o horror e o medo das consequências da traição do filho e remete também à afirmação da ideia de que o homem, neste contexto, iria se subjugar a tudo e obedecer às vontades da mulher, devido a sua grande paixão, não se importando com a traição, com os amigos, a família ou com a honra e ideário político. Nesta carta, ficará marcada fortemente o poder que Isabel exerce sobre Wenceslao, através do amor que ele sente por ela, como se Isabel representasse no conto uma feiticeira, uma fada encantada que com sua mágica conseguiu fazer com que ele atenda aos desejos dela.

Após ler a carta, a mãe de Wenceslao não conseguiu se conter e acabou por desmaiar de desespero e angústia, que é ampliada ao descobrir que seu marido pretende matar o jovem traidor, mesmo sendo seu filho, já que a traição era algo sem perdão e Ramírez já não o considerava filho, apenas um traidor qualquer, que havia manchado com a desonra as filas do exército federal.

Ouvindo as palavras horríveis que seu marido pronunciava e, após tentar argumentar do contrário, Margarita percebe que, como mãe, deveria zelar e proteger Wenceslao e a força de uma mãe ultrajada pela ameaça de morte ao seu filho foi muito mais intensa do que qualquer força física:

– ¡No! no me arrancarán de aquí – decía ella con voz ahogada, – quiero librar á mi hijo de la muerte, y á ti de un horrendo crimen! ¡quiero interponer mi pecho entre el tuyo y los golpes de un asesino!

– ¡Margarita! – exclamó con voz solemne, – ¿quieres ver morir á tu hijo? ¡Sea! lo verás morir, porque juro que nada puede salvarlo!

A estas palabras los ojos de la madre centellearon como los de una leona herida, sus lágrimas secaron de repente, y poniéndose en pie, pálida y terrible como la imagen de la fatalidad:

– ¡Ramírez! – gritó acercándose á su marido – ¿es cierto que nada puede salvar a mi hijo del horrible destino que le reservas?

– ¡Nada! – respondió con firmeza el coronel.

– ¡Nada! – replicó ella, con acento extraño, – ¿nada, ni mis ruegos, ni mis lágrimas, ni la memoria de los días felices que nos ha dado en los veinte años de su existencia?

–¡Nada! – repitió él con voz lúgubre. –Soy un juez, he condenado á un criminal, y yo mismo ejecutaré la sentencia. –¡Pues muere tú! –gritó la madre, – muere tú, porque yo quiero que mi hijo viva, aunque sea sobre las ruinas del mundo.

Y arrebatando el puñal que estaba sobre la mesa, lo sepultó

en el corazón de su esposo. (GORRITI, 1907, p. 116-117)

Nessa passagem, vemos a revolta de Margarita ao tentar defender seu filho e perceber que não há chance de mudar as ideias de seu marido, Ramírez, que deixa de lado sua imagem de pai, para fazer justiça com as próprias mãos, ofendido com a traição de seu filho. Ramírez irá tomar uma decisão cruel sem pensar em sua família, pois não atende aos pedidos de súplica e não se compadece com as lágrimas de dor da esposa, seguindo com seu plano de matar o filho, provocando a reação de Margarita, que vai mostrar de maneira mais acentuada a importância de suas ações para o desenrolar da narrativa.

Já que não segue seus pedidos e não aceita a sua vontade, Margarita mata seu próprio esposo em nome da vida de seu filho. Aqui a mulher vai aparecer com coragem e determinação, acabando com a vida daquele que é uma ameaça para si e para quem mais ama. A personagem feminina irá transgredir as leis, pois irá cometer um assassinato e, ao mesmo tempo, irá fazer justiça com as próprias mãos em prol do sentimento maior que a move: a maternidade. Assim, a maternidade novamente é uma temática abordada nas obras de Gorriti, é partindo deste sentimento que as personagens vão agir, no ímpeto de proteção e conservação da vida daqueles a quem colocou no mundo, pois para elas não há nada mais importante. Margarita, além de infringir as leis, vai ir contra a instituição da família.

Além de mostrar outra personagem feminina de ação e opinião, como é o caso de Margarita que vai mudar o seu próprio destino e o destino de toda sua família que foi totalmente desestruturada pelo assassinato de seu próprio marido, Gorriti irá evidenciar a temática da família e sua falência como constituição. Não existe mais o seio familiar, foi corrompido pela dor e pela transgressão, não há mais salvação. Vemos que as mulheres são os agentes de ação destes acontecimentos, pois é por causa de Isabel que Wenceslao trai os federalistas e devido a essa traição que Margarita se vê na obrigação de matar o marido pela salvação de Wencelsao. A ruptura familiar vai ser recorrente e a autora pretende com isso fazer uma crítica a esta instituição, pois observa a sua falência, já que está se dividindo e se destruindo de dentro para fora, com traições constantes, desrespeito e falta de compreensão entre seus membros. Este é um assunto transgressor para o século XIX, mas é neste ponto que a Gorriti ganhará lugar como escritora, já que inova nas temáticas que são apresentadas em seus contos.

Após essa tragédia, Wenceslao, que presencia estes fatos, vai voltar para o lado dos federalistas para honrar a memória de sua família, devido à morte de seu pai e a desgraça que se acometeu sobre a sua mãe. Desta forma, o jovem jura para si mesmo que não voltará a ver Isabel, que foi a culpada pela desgraça que se abateu sobre seus entes queridos e promete para si mesmo vingar-se da tragédia que lhe aconteceu por ter infringido as leis de seu pai e de seus ideais políticos e, para isso, iria lutar com toda sua coragem e força para acabar com o exército unitário.

Então, o conto termina com a imagem de uma batalha em que os federalistas saíram ganhadores, porém a morte e a tragédia instauravam-se naquele deserto sem fim de onde já tinham cessados os gemidos e havia se transformado em um jardim de corpos inertes, regados pelo sangue de unitários e federais que haviam lutado até o fim. A cena de dor e tristeza marcada pela morte é uma crítica de Gorriti, ao mostrar que nas batalhas ambos os lados perderam muitas vidas desnecessárias e que a busca pela paz seria um caminho que não foi escolhido e, desta forma, muitos sacrifícios ainda foram vistos devido ao conflito entre unitários e federais.

A mulher na obra de Gorriti também tem uma relação muito forte com as questões políticas e sociais. A imagem feminina aparece junto com a presença do nacionalismo, seja na valorização das origens dos preceitos indígenas e valorização da cultura nacional pioneira, como na posição de destaque e de voz que as mulheres irão ter nos contos, posicionando-se politicamente sobre os conflitos que estavam acontecendo na época. As relações políticas, tão presentes nos contos da autora e que funcionam como base para essas narrativas, serão de suma importância para o posicionamento feminino das personagens na sociedade em que se inserem, pois nesse conto as

mulheres, ativas em suas ações, escolherão um lado para lutarem, quase sempre o lado unitário e contra os federalistas, representação que evidencia o ideal político da autora argentina. No entanto, cabe lembrar que, apesar da autora exaltar mulheres fortes e guerreiras, filhas e amantes de unitaristas, Gorriti também vai mostrar os horrores da guerra na visão de mulheres do lado federalista.

Observamos que, além da visão do lado unitário, Gorriti também irá mostrar mulheres que irão narrar os fatos desde o ponto de vista dos federalistas, não colocando as personagens apenas como um reflexo de sua realidade, mas também abrindo o leque de oportunidades e possibilidades para que a imagem feminina em seus contos pudesse ser a mais múltipla possível, pensando na importância de apresentar diversos exemplos de mulheres de ação e de opinião, transgredindo e mudando destino da sociedade nas narrativas.

Além de mostrar a visão dos dois lados da guerra civil argentina, Gorriti apresenta também, como aparece na citação, a família em ruínas. A primeira das transgressões femininas é que são as mulheres os agentes principais da desestruturação familiar, pois é através das ações de uma mãe, que foi afastada de seu filho, que ela vai trair as tradições de sua família. Da mesma forma, é através da louca paixão que uma jovem terá por seu amante que irá contra os preceitos, regras e ideologias políticas de seu pai, assim como que é através do amor incondicional pelo filho que uma mãe vai assassinar seu próprio marido para salvar o seu rebento. Neste sentido, vemos a primeira das instituições, no caso a familiar, em ruptura, em decadência, deixando claro que a autora traz essas temáticas para instigar a reflexão sobre a família e as bases estruturais que a compõem e mantêm.

As personagens femininas de Gorriti acabam enlouquecendo devido ao grande sofrimento pelo qual passam, seja na perda dos filhos, do amor de sua vida ou de familiares em geral, mas o que surge de forma intensa também é a loucura pela morte ou perda também de pessoas do povo. No caso de “El guante negro”, por exemplo, no qual Isabel fica louca após ver a derrota dos unitários e a perda de seu amor em campo de batalha, a morte aparece como instrumento causador da loucura, pois transforma a realidade em doloroso tormento e a insanidade vai funcionar como uma escapatória dessa realidade insuportável de ser vivenciada de forma racional.

Vemos, então, que Gorriti vai permear seus contos com autonomia e ação feminina, mas essas mulheres também são vítimas da ação do destino e, principalmente, das guerras civis, que consomem tudo o que elas conhecem como base de sua vida. As suas paixões são vítimas da morte, acabam se afastando e traindo algum familiar para salvar outro, elas têm seu ideal político desestruturado pela perda da guerra e são subjugadas à tristeza, ao desespero e à dor de terem perdido entes queridos e amigos.

E, mais uma vez, temos a imagem da mulher, que perde tudo o que mais ama e que, por mais que transgrida, que lute e seja ela mesma em busca da realização de seus desejos, mostrando seus próprios sentimentos, ela acaba sendo castigada de alguma forma: traída pelo seu amado, pela sociedade ou perdendo pessoas importantes de sua vida. Ao final do conto, Gorriti descreve a cena de Isabel caminhando pelo campo de batalha, procurando o corpo de seu amado, na esperança de que ele ainda esteja vivo. Aqui vai haver uma nova referência a *Romeu e Julieta*, pois Isabel vem de longe caminhando sobre os corpos moribundos dos soldados, entoando a última canção de Julieta, em nome de sua dor e usando o véu da morte que cobriu todos aqueles cadáveres insepultos que estão no campo de batalha. Isabel passa por vários corpos de conhecidos e amigos seus, unitários que morreram pela causa que acreditaram, o que lhe causa uma dor imensa.

Percebemos, assim, a mulher que, mesmo possuindo um forte ideário político estabelecido, chora seus mortos na forma de arrependimento e refletindo se realmente aquelas batalhas fariam sentido. Aparece uma dupla perda de Isabel neste momento, pois ela sofrera a perda dos unitários que foram massacrados pelos federalistas e também a perda de muitos soldados que ela conhecia, que eram jovens e que possuíam família, deixando-a no meio de um paradoxo, a perda era política, mas também era sentimental, já que não só seu ideário nacional unitário fora ferido, mas também

seu povo e sua família, pois – apesar dos unitários perderem – muitos federalistas também foram mortos.

Ao final, Isabel ajoelha-se aos pés do cadáver daquele que um dia fora seu amado e descobre seu peito; nele, a jovem avista uma ferida:

– ¡Oh! – gritó señalando una herida profunda, de forma circular y bordes negros. – ¡He ahí la mano de Manuela Rosas, que le ha destrozado el pecho para robarme su corazón! Hela allí que se acerca para disputármelo todavía, para arrojar otra vez entre él y yo, como un desafío á nuestro amor, ese guante negro que nos separó. ¡Atrás! – gritó alzándose, y extendiendo sus brazos sobre el cadáver, – ¡atrás! ¡mujer fatal para los que te aman! ¡tu blanco velo de virgen está salpicado de sangre! ¡sobre tu cabeza está suspendida una nube de lágrimas! ¡Aléjate! – continuó adelantándose, como para cerrar el paso al fantasma que le presentaba su imaginación, – ¡no le toques! (GORRITI, 1907, p. 123- 124)

Nesta passagem, percebemos novamente a presença da imagem da luva negra de Manuela Rosas, que é retomado não como um presente, pois desde seu contato com Wenceslao a luva de Manuelita vai servir de símbolo mortuário, como um anúncio das tragédias que se sucederão. A metáfora da luva que dá nome ao conto simboliza o luto e a mão federalista, que vai condenar ao trágico a vida de todos aqueles por onde passar.

Gorriti traz a imagem da luva negra de Manuelita para criticar os federalistas e a ditadura de Rosas na Argentina. A autora vai mostrar a luva como a mão do próprio ditador e dos princípios federalistas, simbolizados na personagem histórica Manuela Rosas. Através desta personagem feminina, conhecemos os valores e ideais federalistas, assim como a relação com a morte e a tragicidade que o objeto com o qual presenteia Wenceslao vai permear todo o conto, levando a desgraça e o medo para aqueles pelos quais a luva passar.

No início do conto, a luva negra aparece como símbolo da discórdia entre os amantes, pois é através da descoberta da mesma no peito ferido de Wenceslao que Isabel irá enlouquecer de ciúmes e rancor, pedindo para o que o rapaz traia sua ideologia em prol da reconquista de seu perdão. Quando Margarita, a mãe de Wenceslao, aparece no escritório do marido, para descobrir o que a carta entregue por um espião contém em seu interior, ela é aterrorizada pela imagem da luva negra que desliza do interior da carta e cai aos seus pés, dando-lhe um sentimento de terror, pelo objeto ter uma aparência funesta e já denotando os próximos acontecimentos do conto, em que teríamos a morte de Ramírez, pai de Wenceslao. Por último, a ferida mortuária do jovem federalista aparece, aos olhos de Isabel, como o formato da luva negra, o que retoma e reafirma a ligação da imagem deste objeto a tudo que acontece de ruim e trágico no conto.

Gorriti evidencia em “El guante negro”, assim como em outros contos, a personagem feminina que utiliza a loucura como meio de escapar da realidade. Vê-se que Isabel enxerga o fantasma de Manuela Rosas em meio aos cadáveres no campo de batalha e imagina que o espectro da rival vem buscar o seu amor, o jovem Wenceslao. Ela tenta protegê-lo a todo custo culpando a outra mulher por seu fracasso no amor. Mesmo que Isabel pareça uma mulher de fibra, tendo seus sentimentos controlados durante todo o conto, vemos que no final ela vai culpar Manuelita pelos acontecimentos funestos, que tiraram a vida do seu amor, ela não aceita que as atitudes do mesmo e as suas próprias atitudes tenham levado ambos a ter aquele destino de separação e sofrimento.

Assim, no início da narrativa, Isabel aparece como ser etéreo, uma fada vestida de branco a caminhar na direção da casa de Wenceslao cantando com sua voz doce. Ao final do conto, a jovem irá virar um ser fantástico que todos diziam ver vagar pela cidade de Buenos Aires, entoando a canção mórbida do “De profundis”, sempre que o ditador Rosas executava algum opositor. A personagem feminina, Isabel, então vai se tornar a voz da cidade e as lágrimas do povo. Gorriti vai simbolizar a moça, que um dia fora unitarista e apaixonada por um jovem com o ideal político contrário do seu, como a cidade e seu povo, que sofria ao ver as tristes situações a que os levava as

atitudes cruéis e sanguinárias do ditador Juan Manuel de Rosas.

Percebemos então, ao longo deste artigo, que o instinto nacionalista aparece de forma muito intensa, principalmente nos primeiros contos de *Sueños y realidades*. A presença do indígena, tendo como presença principal a mulher descendente dos incas e sua relação de conflito com o homem branco aparece em destaque, pois buscar este nacionalismo é encontrar um herói e uma heroína americanos e apenas os indígenas podem ser considerados como povos pioneiros nas Américas.

A presença da indígena que tem um relacionamento amoroso com o espanhol, gerando um descendente, vai destacar a questão da miscigenação, assim como a exploração e o desrespeito com a cultura indígena, já que os espanhóis se mantinham obcecados pela ganância e pela descoberta dos tesouros que os indígenas poderiam guardar. Neste sentido, percebemos a importância de trazer à tona esse relacionamento entre americanos e europeus, que irão ser mostrados como os que corrompem a terra americana e irão submeter o povo indígena a situações de completo descaso, escravidão, humilhação e preconceito.

Outro aspecto muito importante que foi analisado foi a questão política e forte crítica aos conflitos civis a que Gorriti várias vezes se refere em seus contos. A disputa entre federalistas e unitaristas pelo poder aparece como pano de fundo para vários contos e este conflito é bastante criticado por Gorriti, por causa dos inocentes que morreram, das muitas famílias que padeceram e dos soldados que foram dizimados, abandonando mulheres e filhos que, em sua maioria, ficavam passando necessidades e falta de suprimentos. Gorriti irá evidenciar, na maior parte de seus contos, não a glória dos soldados e as batalhas vencidas, mas sim as derrotas e os assassinatos que aconteciam na época e, apesar de manter sua visão e opinião centrada no lado unitarista, ela não deixou de narrar os horrores cometidos pelos unitários, sempre na busca pela vitória e no fim dos rivais. Em diversos contos, e não só nos aqui analisados brevemente, unitaristas e federalistas lutam e Gorriti traz o amor para tentar unir os dois lados, porque é através da paixão proibida de um homem, de um lado do conflito, e a mulher, ou o seu pai, de outro, que irá provocar as tragédias que provêm desses relacionamentos, sendo o casal condenado por estar em meio à guerra.

Por fim, na análise das personagens femininas, percebemos que, pela multiplicidade de temáticas nos contos, temos diversos tipos de mulheres com variadas e personalidades, mas que todas, de uma forma ou de outra, acabam por transgredir as leis e os padrões tradicionais da época. Dessa forma, as personagens femininas têm voz e vontade própria, vão contra as leis que lhes são impostas e são donas dos próprios destinos, mudando por suas ações também a vida de seus familiares e amores. Por um lado, temos a imagem da mulher indígena que se apaixona perdidamente por um europeu, traindo as leis de sua tribo; por outro, temos a presença de diversas mães que fazem de tudo para salvar seus filhos, roubam, matam e brigam pela salvação deles.

Em sua maioria, as mulheres nos contos de Gorriti mostram-se obstinadas a um ideal político e de vida, traindo sua própria família e suas tradições para irem atrás de seus sentimentos e vontades, sendo às vezes são castigadas por isso, sempre fazendo de suas vidas o que querem e desejam

A imagem feminina que permeia todos os contos é a de uma mulher forte que não tem medo de amar e ser amada, que se entrega ao amor carnal proibido e que se apaixona por homens com ideias diferentes das suas. A mulher narrada por Gorriti é uma mulher sofrida pelas constantes separações, traições e decepções, mas que não perde a esperança na sua força – ou na sua vingança –, como guerreira, para fazer pagar aqueles que lhe feriram.

Juana Manuel Gorriti, então, não termina as suas narrativas sempre com final trágico, com mulheres que, em sua maioria, morrem ou então ficam loucas, para que funcione apenas como um castigo para elas. A escolha é levantar uma crítica ao que realmente as mulheres transgressoras eram submetidas, à sociedade que queria calar essas pessoas, mas que acabou por não conseguir, de fato, já que as denúncias de escritoras como Gorriti é que fazem pensar sobre as situações das personagens que, apesar de estarem inseridas na ficção, têm muito do mundo real.

Não basta mostrar as atitudes das mulheres presentes nesses contos e suas as consequências,

é preciso analisar a importância de suas ações e fazer uma reflexão do que podemos trazer para a atualidade e o que gostaríamos de deixar para trás. O mais importante é que não se deixe morrer as vozes femininas, tanto das autoras, como das personagens, porque ambas são frutos da sociedade que temos e semeamos todos os dias.

Referências

GORRITI, Juana Manuela. *Sueños y realidades*. Buenos Aires: Biblioteca de la Nación, 1907.

_____. *Ficciones pátrias*. Buenos Aires: Editorial Sol, 2001.

HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. Trad. Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *A era dos impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RENAN, Ernest. *O que é uma nação?* (1882). Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

Recebido em: 30 set. 2020.

Aprovado em: 18 nov. 2020.